



HAL
open science

Dos espaços do corpo ao corpo no espaço

Susanna Busato, Sandra Assunção

► **To cite this version:**

Susanna Busato, Sandra Assunção. Dos espaços do corpo ao corpo no espaço. Revista de Estudos Literários da UEMS - REVELL , 2 (25), pp. 11-18, 2021. hal-03651476

HAL Id: hal-03651476

<https://hal.parisnanterre.fr/hal-03651476v1>

Submitted on 25 Apr 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License

DOS ESPAÇOS DO CORPO AO CORPO NO ESPAÇO: LITERATURA E CULTURA

É com satisfação que publicamos o Dossiê “Dos espaços do corpo ao corpo no espaço: literatura e cultura” para o volume 2, nº 25 da Revista de Estudos Literários – Revell, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Os recentes estudos sobre o corpo revelam a complexidade desse que é, antes de tudo, uma incógnita. Descrevê-lo é lidar com a experiência de ser corpo, um organismo que ocupa um lugar e vive uma experiência. Esse corpo pensa e sente. Esse corpo escreve e é inscrito na cultura. Não se aparta da história porque é fruto da história; seu tempo é seu silêncio; seu espaço é seu grito. Na literatura, o corpo é a expressão de uma linguagem, de um gesto, de uma experiência. Ocupar o espaço desenhado na palavra é sair do anonimato e ganhar a linguagem. É na literatura que esse corpo-cultura se apresenta como palavra a ser lida e inscrita na experiência do leitor.

Os artigos deste Dossiê apontam para vários desenvolvimentos dessa proposta e, nesta edição, se articulam em núcleos de interesse. Cada um deles compartilha com o leitor um traço desse corpo estranho e familiar, que desafia e ecoa sua história e suas potencialidades.

A seção **Corpo e interseccionalidade** reúne artigos que exploram, na análise de seus objetos literários, elementos de ordem social e cultural, em posição de submissão e de resistência. Assim, o artigo de Julieta Karol Kabalin Campos e Katia

Viera Hernández, “Sujetos racializados en La(s) Habana(s) de Pedro Juan Gutiérrez y Ahmel Echevarría”, analisa na narrativa romanesca as representações literárias e culturais dos corpos sob a lógica colonial moderna. Antônio Batalha e Josalba Fabiana dos Santos, em seu artigo “As doenças e os corpos dos escravizados doentes falam em *A menina morta*, romance de Cornélio Penna”, procuram investigar a possibilidade de os corpos e as vozes dos oprimidos poderem ser vistos/ouvidos a partir da compreensão das enfermidades e suas metáforas. O artigo de Roniê Rodrigues da Silva e Natã Yanez de Oliveira Rodrigues de Melo, “A estrangeiridade dos corpos sem órgãos no conto abreuliano”, tece reflexões que buscam analisar, no conto de Caio Fernando Abreu, a representação dos corpos das personagens masculinas sob a ótica da teoria dos filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michael Foucault. Por fim, a proposta de Pauline Champagnat, em “A representação da mulher na construção da nação moçambicana em *O alegre canto da perdiz*”, recai no enfoque sobre a compreensão dos mecanismos imagético-estilísticos que atuam no processo de construção da identidade nacional moçambicana, a partir de uma apropriação, pela literatura, da voz do passado colonial, sob uma perspectiva feminina e descolonial.

A seção **Corpo feminino e representação** propõe um rol de oito artigos que contemplam, entre poesia, romance e conto, analisar as formas (imagísticas, históricas e culturais) pelas quais, poética e literariamente, se fazem representar o corpo feminino. O artigo de Érica Patrícia Rodrigues de Sousa, “Corpos subalternos: domínio e opressão dos corpos de mulheres angolanas na poesia de Paula Tavares”, a partir da tríade “gênero, corpo e sexualidade”, volta-se à compreensão das representações de mulheres em processos diversos de anulação da autonomia sociopolítica e afetiva, em termos dos comportamentos naturalizados e estabelecidos para mulheres e homens na sociedade angolana. Ainda no contexto do continente africano, o artigo de José Ricardo da Costa, “*A casa da água*, de Antonio Olinto: mitos e corpos femininos no espaço da diáspora africana”, evidencia, no romance do autor mineiro, a figura da matriarca como elemento fundamental “à descolonização

dos países africanos e à reorganização das sociedades que surgiram e resistiram a partir dos escravizados e seus descendentes”, reportando-se à memória das imagens de deusas e rainhas da cultura orixaísta. O universo da Baixa Idade Média e da Modernidade, a partir do conceito de “mística cortês (mystique courtoise ou minnemystique) influenciada pela tradição do Amor Cortês dos séculos XI ao XII”, é o foco de atenção do artigo “Hadewijch d’Anvers e Elizabeth B. Browning ao encontro do bem-amado: uma análise comparativa da mística feminina na baixa Idade Média e na Modernidade”, de Maria Leticia Macêdo Bezerra, Yasmin de Andrade Alves. Já o artigo de Érica Schlude Wels, ““Daquele filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal’: o ideal de abnegação materna em *A caolha*”, explora, na obra de Júlia Lopes de Almeida, a imagem grotesca do defeito físico da personagem como metáfora da condição de opressão vivida pela mulher em termos dos protótipos de maternidade e sexualidade, sujeitos à corrente positivista na época. O artigo “Corpo da mulher, corpo do poema: metamorfoses de Luiza Neto Jorge”, de Carolina Alves Ferreira Abreu, volta-se à discussão dos estereótipos condicionantes femininos e, analiticamente, propõe uma leitura com base na ruptura com tal pensamento hegemônico a partir da poesia da autora portuguesa. No contexto ainda da resistência ao policiamento e ao controle, o tema da visibilização do poder do corpo da mulher e dos abusos e torturas sobre os corpos é foco do artigo de Alessia Di Eugenio, “Literatura, autoritarismo e corpo das mulheres: a ditadura brasileira através dos romances de Heloneida Studart”, que evidencia, na obra da autora, um olhar para a construção de uma memória feminina sobre o período de autoritarismo da história brasileira. O estudo das personagens femininas, nas obras da autora brasileira Clarice Lispector e da nigeriana Chimamanda Adichie, é o assunto do artigo de Luana Silva Borges, “Entre a reinvenção do passado e o possível futuro: o feminino em trânsito em *Hibisco roxo*, de Chimamanda Adichie, e em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, cuja análise explora a problemática que envolve a existência das personagens e seus deslocamentos e, no percurso, a resignificação de suas próprias vidas. As considerações sobre o corpo da personagem feminina a partir da sua experiência da repressão patriarcal estão presentes no artigo “Creeping into freedom:

woman's body in "The yellow wallpaper", by Charlotte Perkins Gilman", de Leticia Rocha Duarte e Cynthia Beatrice Costa, que procuram explorar na performance da personagem as relações entre o controle do corpo e o controle da mente; e os modos como a personagem usa a mente para libertar-se desse controle.

A seção **Corpo e educação** revela-se especial no alcance da pesquisa em contexto escolar sobre os modos como crianças e adolescentes têm sua representatividade evidenciada pelo outro e por elas mesmas. O artigo "Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes", de Débora Cristina de Araújo, Geane Teodoro Damasceno e Regina Godinho de Alcântara, concentra-se no contexto da literatura infantil e juvenil para questionar em que nível a representatividade do menino negro tem sido apresentada no mercado editorial brasileiro. Já o artigo de Vanessa Goes Denardi, Carolline Septimio Limeira e Letícia Carneiro da Conceição, "(Des)alientação dos corpos desviantes: a dialética da in/exclusão e seus desdobramentos no contexto escolar", propõe, a partir da leitura da obra "O alienista", de Machado de Assis, um caminho de compreensão dos modos como o enquadramento social constrói a segregação de corpos considerados desviantes em ambiente escolar. Com o enfoque voltado para uma ferramenta de publicação temporária do *Instagram*, o *Stories*, a cultura digital e as formas de autorrepresentação dos jovens, o artigo de Douglas Pereira da Costa, "Escritas de si juvenis em *Stories* do *Instagram*: espaço virtual, virtualização do corpo e cultura digital", procura compreender a complexidade da versão digital dos diários de jovens escritos à mão.

O corpo em sua relação com o espaço - urbano ou marítimo, idílico ou imanente, privado ou público - guia as diferentes reflexões da seção **Corpo e espaço: trânsitos e memória** que consideram os deslocamentos das personagens em sua dimensão social, identitária e ontológica. O artigo de Stefania Chiarelli, "No meio do mar, em meio às terras: representações da migração contemporânea", aborda a questão das migrações contemporâneas dentro do espaço marítimo, problematizando a água como lugar de segregação, a partir da análise dos longas-metragens *Bem-*

vindo (2009, Philippe Lioret) e *Terra firme* (2011, Emanuele Crialese). Partindo de uma perspectiva cartográfica acerca da noção de espacialidade narrativa, Marcelo Branquinho Massucatto Resende, em “Cartografando a São Paulo de Cassandra Rios: entre espaços urbanos e de circulação em *Mutreta* (1971)”, estabelece relações entre os espaços frequentados pelas personagens do romance *Mutreta* (1971), os espaços de circulação das obras de Cassandra Rios e da própria escritora dentro do cânone literário. O estudo “Identidade, corpo e espaço no romance *Algum lugar*, de Paloma Vidal”, de Loiva Salete Vogt, apresenta uma reflexão sobre a constituição identitária da protagonista de *Algum lugar* (2009), de Paloma Vidal. A relação entre o espaço-corpo feminino reflete uma busca de identidade marcada por mobilidade espacial e o vir à tona de uma memória afetiva. A partir da análise de algumas cartas do escritor Mário de Andrade, em “Cenas paulistas: uma vivência corporal pelos paradoxos de São Paulo”, Bruna Araújo Cunha propõe compreender a relação entre sujeito e rua, esse espaço do vivido, ao mesmo tempo físico e social. Em “O caleidoscópio espacial no romance histórico *Cabocla* (1949), de Ribeiro Couto”, John David Peliceri da Silva convoca a noção de caleidoscópio do belo para compreender e definir sua presença e recorrência discursiva na narrativa. O conceito hisrchiano de pós-memória e noções tais como pertencimento, exílio, território, servem de embasamento teórico a Thays Lima Silva para compreender o caráter intergeracional do trauma do exílio no romance de Milton Hatoum, em “Memória e pós-memória: exílio e outros traumas em “Relato de um certo Oriente”.

A seção **Corpos desviantes** tem como enfoque o caráter carnavalesco e grotesco dos corpos transgressivos ou subalternizados que resistem e se opõem aos valores e às normas sociais estabelecidos. Em “O retrato e a representação grotesca, em *Retrato de rapaz*, de Mário Cláudio”, Joana Palha observa a relação mestre e discípulo a partir da temática do retrato literário e da representação grotesca. A noção foucaultiana de heterotopia é utilizada por Silvana Pantoja dos Santos, em “Espaço-corpo e heterotopia desviante em *O remorso de Baltazar Serapião*, de Valter Hugo Mãe”, para entender o espaço-corpo como lugar de confrontação social. Já em “A

potência do reconhecimento como resistência na poesia lesboafetiva”, Gabrielle Forster analisa quatro poemas de poetisas latino-americanas expondo o caráter político da poesia de temática lésbica. O artigo de Antônio Edson Alves da Silva, “O corpo em explosão na literatura cearense: uma análise de discurso pornográfico em *A gota delirante*, de Moreira Campos”, aborda as práticas sexuais dissidentes, em um conto de Moreira Campos, através de novas categorias do discurso pornográfico propostas por Maingueneau. Em “*A fúria do corpo* e sua potência grotesca: incursões no romance de João Gilberto Noll”, Sayonara Amaral de Oliveira analisa a imagem do corpo no romance, pela ótica bakhtiniana, como modo de carnavalização utópica da existência. As imagens dos corpos desviantes de travestis, em um poema de Amara Moira, é o objeto do estudo de João Gomes Júnior, em ““Pela décima vez”: prostituição, marginalização social e o corpo das travestis em um poema de Amara Moira”.

A seção **As linguagens do corpo** reúne contribuições que se debruçam sobre o caráter performático do corpo e da linguagem que o traduz. À luz de teorias sobre a decolonialidade negra, a experiência da temporalidade, a identidade transgenérica, a necropolítica, a tradução sígnica, dentre outras, os oito artigos que compõem a sexta parte deste dossiê refletem sobre a riqueza das relações entre corpo, linguagem(ns) e performance, nas diversas expressões artísticas analisadas (prosa, quadrinística, documentário, performance corporal, e *slam poetry*). A força e o sentido do neologismo desmarginação – lacuna entre o tempo de fora e o de dentro - é o fio condutor da reflexão tecida por Iara Machado Pinheiro, sobre a tetralogia de Elena Ferrante, em “Os lacres rompidos e a terra que treme: as desmarginações de Elena Ferrante entre o corpo que colapsa e o devastador de fora”. Fabrício Lemos da Costa e Sílvia Augusto de Oliveira Holanda, em “O selvagem no corpo desfigurado de Hermógenes em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa”, buscam compreender a personagem Hermógenes – (des) figura de corpo híbrido, selvagem e informe - como representação do herói moderno passível de ser comparado à própria obra, indomesticada e inclassificável. À luz da semiótica peirceana, Wanessa

Gonçalves Silva e Luciana Wrege Rassier, em “O corpo dançante ou da tradução em Lavoura arcaica”, consideram a dança como tradução sígnica, capaz de expressar ideias, sentimentos e traços culturais, e o corpo como tradutor, por meio de suas funções mediadora e comunicativa, e de seu poder de expressão maior que o do signo linguístico. O corpo e a voz de artistas contemporâneos em performance são também contemplados por dois artigos do dossiê. Em “Violência, corrupção e poder: performance política em Berna Reale”, Joseane Maytê Sousa Santos Sousa se volta às temáticas centrais do trabalho da artista paraense Berna Reale, em cinco de suas performances corporais, sob a ótica da necropolítica e da subalternidade. Já em « Slam das Minas – Bahia: a performance poética de corpos de resistência », Natielly de Jesus Santos analisa a performance poética da *slammer* Carol Cerqueira - trabalho emblemático do coletivo Slam das Minas-BA - e ressalta o papel desempenhado por esta prática artística no processo de resistência e empoderamento da mulher negra. Em seu artigo “Nas margens do corpo e da escrita”, Terezinha Taborda Moreira observa as relações entre corpo e escrita em *Um sopro de vida* (1994), de Clarice Lispector, questionando os limites da criação literária em sua relação com a realidade representada e considerando a reelaboração estética como ato de insurgência. Ao problematizar o amor como eixo que movimenta a existência e supera a finitude, em sua leitura de dois contos de Maria Velho da Costa, Susanna Vieira, em seu artigo “Algo de inteiramente novo: a linguagem deslocada do amor na excedência do corpo finito”, considera os textos como espaço de existência do sujeito em processo de individuação e de inscrição do corpo dissemelhante em seu devir enquanto texto-corpo não finito.. No tocante ao campo quadrinístico, a tensão entre corporeidade e autorialidade é a questão central sobre a qual se debruçam Lucas Piter Alves Costa e Jean Carlos Duarte Pinto Coelho, ao analisarem os posicionamentos da cartunista Laerte no documentário *Laerte-se*, de 2017, em seu artigo “Reflexões sobre autoria e corporeidade em *Laerte-se*”.

Que os artigos do Dossiê possam ser motivadores para uma reflexão guiada pelas formas do corpo na cultura e na literatura, por meio de seus desvãos, trajetos e

silêncios; por meio de sua clandestinidade; e por meio, ainda, de suas coreografias e desejos. Tenham uma ótima leitura!

Organizadoras:

Susanna Busato – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" -
câmpus de São José do Rio Preto

Sandra Assunção - Université Paris Nanterre